

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

04. REFLETINDO SOBRE O “DESASTRE DA GUINÉ”, Ao P. Le Vavasseur, missionário do Imaculado Coração de Maria, São Dinis, ilha de Bourbon.

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 04. REFLETINDO SOBRE O “DESASTRE DA GUINÉ”, Ao P. Le Vavasseur, missionário do Imaculado Coração de Maria, São Dinis, ilha de Bourbon.. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/60>

This III is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

Congregação do Espírito Santo

4. REFLETINDO SOBRE O “DESASTRE DA GUINÉ”

*Ao P. Le Vavas seur,
missionário do Imaculado Coração de Maria,
São Dinis, ilha de Bourbon¹⁴⁶.*

As primeiras notícias da tragédia que se abateu sobre o grupo de missionários do Sagrado Coração de Maria no Golfo da Guiné chegaram a Libermann em meados de 1844. Abatido pela morte dos seus corajosos confrades, – ele pensa que todos os sete morreram – informa o seu confrade co-fundador, Frederico Le Vavas seur, e medita sobre essa provação.

Pensava-se em mais uma fundação, esta em Madagascar. Mas, face ao acontecido, só se enviarão mais missionários quando houver condições favoráveis.

Paris, 16 de Outubro de 1844.

Caríssimo confrade,

Chegaram-me pelo Sr. de Villèle os seus relatórios, assim como o do P. Blanpin sobre a missão do Colimaçon. Não vos posso dar já a resposta; fá-lo-ei em breve, e talvez a recebam junto com esta carta, porque tudo farei para voltar a escrever-vos ainda esta semana. O que vocês estão a fazer enche-me de alegria e dá-nos muita coragem.

Precisamos muito de motivos de alegria como este, porque nos aconteceu uma grande desgraça na Guiné. As provações a que Deus lá nos submeteu são tão desmedidas que tenho de ver nelas um sinal extraordinário da sua divina Providência. Tudo nos levava a alimentar esperanças para esta missão tão vasta e tão abandonada. Todas as informações provindas de muitas fontes eram de molde a fazer crer que, com algumas pequenas perdas, poderíamos salvar esta terra. Outros são os juízos de Deus: sujeitou-nos a uma prova muitíssimo dura. Bendito seja o seu santo Nome!

Acabo de receber uma carta de D. Barron¹⁴⁷, de 6 de Agosto, que me anuncia novas perdas: a do P. Audebert e a do P. Bouchet. Diz-me que iam

¹⁴⁶ ND VI, pg. 374-377.

¹⁴⁷ Cf. índice onomástico para Barron, Audebert e Bouchet.

Antologia Espiritana

tentar levar os três sobreviventes para um lugar seguro. Tenho a certeza moral, quase tudo me leva a crer que também eles tenham morrido.

Estou intimamente convencido que agi como Deus queria, e que teria cometido uma falta grave contra a sua divina vontade se não aceitasse esta missão.

Não consegui dados exatos sobre essa terra pela simples razão de que ainda ninguém os tem. Disso tenha a certeza, e estou sereno e de consciência tranquila diante de Deus, ainda que o meu coração, como o da nossa santa Mãe, tenha de ser trespassado por sete dores se é que eu quero ajudar a salvar essa vasta terra desamparada. Estou convencido de que a divina Bondade quis dar à Guiné os nossos sete missionários, não como seus apóstolos, mas como seus intercessores junto do seu trono de misericórdia. O que aconteceu é totalmente invulgar.

Os nossos queridos confrades viam que não se podiam aguentar em climas tão insalubres; mas não quiseram sair por terem sido colocados lá por obediência e por terem encontrado lá povos muito bem dispostos. D. Barron, que devia obrigá-los a partir, deixou-os lá e contava ficar lá a viver com eles. Mal tive as primeiras notícias da insalubridade do clima logo lhes escrevi a dar ordens de se retirarem para um lugar mais saudável, para a Goreia; enviei-lhes por duas vezes uma cópia da minha carta; nada lhes chegou. Foi mesmo para serem imolados pela salvação dessa terra que foram para lá.

O meu desejo de salvar essas vastas regiões é agora mais forte do que nunca, e por graça de Deus estou firmemente decidido a nunca abandonar essa pobre gente, a não ser que a vontade divina me mostre claramente que não devo ir por diante, o que eu não creio. No entanto, esteja tranquilo que vou suspender o envio para lá de mais missionários nossos. Vou agir de maneira a que não haja, assim o espero, mais vítimas sacrificadas. Espero que a divina Bondade se contente com as que já lhe sacrificámos.

O P. Tisserant está em França. Deve ir a Roma (dir-lhe-ei o que o levou lá na minha próxima carta). Mandarei com ele o P. Schwindenhammer para tratar dos assuntos da Guiné; é também para tratar deles que estou agora em Paris. Mas, repito, não enviaremos para lá mais ninguém, a não ser, talvez, mais tarde e só para a Goreia, onde o clima é reconhecidamente saudável. Ela rege-se pelo

Congregação do Espírito Santo

estatuto das outras colónias. Vou procurar mais informações, não vou fazer as coisas à sorte; deve-se ir, quanto possível, devagar e com segurança.

Uma palavra sobre Madagascar. O P. Dalmond¹⁴⁸ quer colocar os nossos missionários em Nossi-Bié. Atenção: encarrego-o do cuidado desta missão. Se ele lhe oferecer um lugar inóspito, não aceite; deve dar-lhe um lugar onde não tenhamos que arriscar-nos a desgraças como as da Guiné. Tome as suas precauções. Depois da receção desta carta, informe-se sobre o estado de salubridade das diferentes costas de Madagascar, assim como das ilhas circunvizinhas. Pergunte ao P. Dalmond e não se deixe ir às cegas; faça-lhe sentir que se nos acontecessem também lá desgraças destas, isso poderia ser-nos fatal; diga-lhe que se os nossos missionários se derem lá bem, ele poderá contar com reforços anuais. Se morrerem, não poderá contar com mais ninguém. Ele que não faça as coisas de ânimo leve: trata-se duma sociedade nascente que pode ver muito comprometida e prejudicada a sua missão.

Faria bem em dar o P. Collin como superior aos missionários que vou mandar, e ir você mesmo lá dar-lhes posse de seus cargos, regressando depois a Bourbon. Espero enviar-lhe um missionário para Bourbon, para fazer comunidade consigo. Não envie o P. Blanpin para Madagascar. Olhe, quanto a ir você mesmo dar-lhes posse, deixo isso ao seu critério; não conheço bem a situação, dada a distância que nos separa; decida você mesmo, em presença do nosso bom Mestre.

O P. Dalmond diz-me que vai colocar os nossos missionários em Nossi-Bié, na costa da ilha oposta àquela onde está a feitoria dos franceses; que a ilha é mais saudável desse lado. Isso está muito certo; mas há um grave inconveniente, é que se um missionário cair doente, não há maneira de o tirar de lá, por falta de transporte, porque os navios só muito raramente tocam esse lado da costa. É preciso pesar tudo isso. Além disso, previno-o de que temos dificuldades com alguns comandantes, que só deixam os missionários doentes partir quando já é tarde de mais. É preciso prever tudo e tomar medidas de precaução.

Não se trata para si de buscar os seus interesses e de renunciar ao cargo de superior; trata-se sim de buscar unicamente o interesse de Deus. Nós não passamos duns miseráveis que devem ser imolados à sua glória. Se eu desse

¹⁴⁸ Cf índice onomástico

Antologia Espiritana

ouvidos às dificuldades que experimento neste difícil cargo, passaria o tempo a escapar-me e a esconder-me na solidão; mas de certeza que não vai ser assim! É necessário consumirmo-nos em aflições e trabalhos para glória do nosso Mestre. Haja coragem, paciência, humildade e confiança, e Deus fará a sua obra mesmo com os mais reles instrumentos. Não se perturbe, estas perdas não vão fazer-nos desanimar.

Adeus, todo seu na caridade de Jesus e de Maria.

F. Libermann,
padre do Imaculado Coração de Maria

P.S. - Só publicarei a morte dos nossos quatro missionários; acrescentarei que se procurou colocar os outros em lugar seguro. Não vou dizer nada sobre a nossa preocupação pela sorte deles. É isso que tenho a fazer. É bom não divulgar estas nossas preocupações em França¹⁴⁹.

¹⁴⁹ Escrevendo à comunidade de Bourbon, a 6 de Setembro de 1845, o P. Libermann diz que estes infelizes missionários cometeram imprudências – andar ao sol de cabeça descoberta – de que não foi possível demovê-los: ND VII, pg. 292.